

B
17.367

s

JUVENILIA VERSONS INÉDITOS DE FLORBELA ESPAÑCA

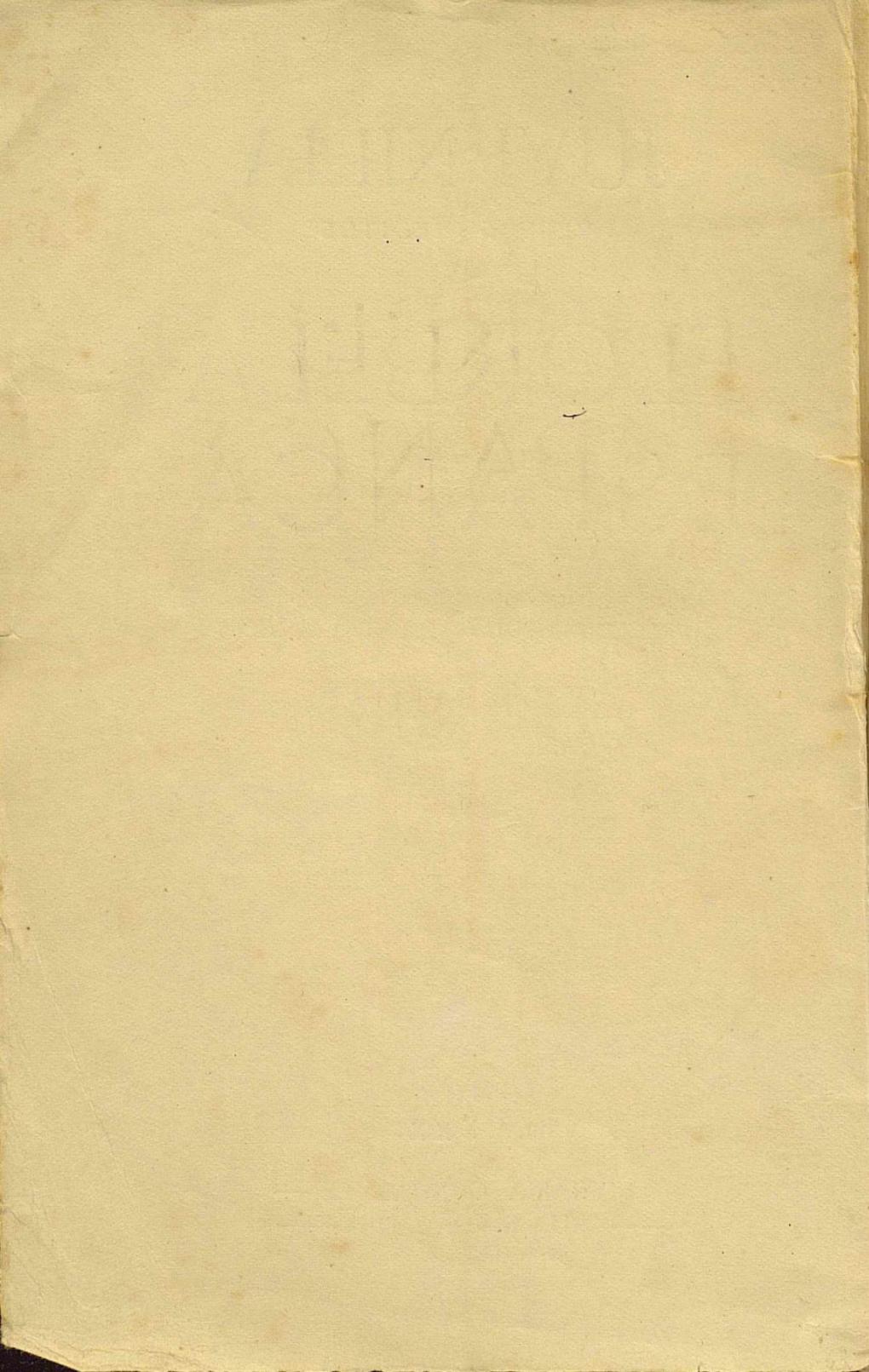
PRECEDIDOS DUM ESTUDO CRÍTICO

DE

GUIDO BATTELLI

COIMBRA
MCM XXXI

— LIVRARIA GONÇALVES —
— RUA S. JOÃO, 60 —



22.8.28 Ch. 4 Ed. 3 n.º 6

S B
17.367

JUVENILIA

VERSONS INÉDITOS

DE

FLORBELA ESPAÑCA

PRECEDIDOS DUM ESTUDO CRÍTICO

DE

GUIDO BATTELLI



COIMBRA
MCMXXXI

— LIVRARIA GONÇALVES —
— RUA S. JOÃO, 60 —

JUVENTUDE

REVISTAS INÉDITAS

DE

FLORBEIA

Registada na Conservatória da Propriedade Literária
Lisboa — Outubro — 1931.

PERIODICO DE ESTUDO CRITICO

DE

GUIDO BATTELLI

COIMBRA

1931

IMPRENSA NACIONAL
— de Jaime Vasconcelos —
204, Rua José Falcão, 206

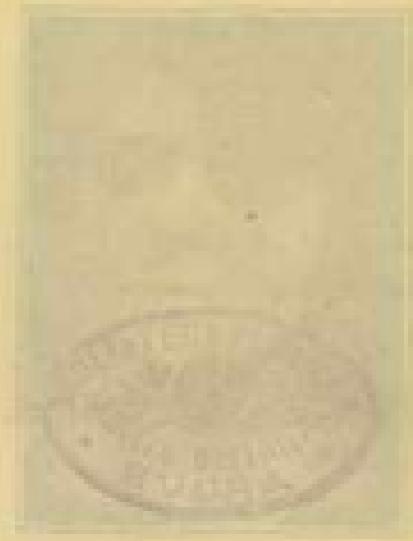
PORTO



L'Amour, dont l'autre nom sur terre est la Douleur,
De ton sein fit jallir une source écumante,
Et ta voix était triste et ton âme charmante
Et de toi la Pitié divine éut fait sa Sœur.

Ivresse ou désespoir, enthousiasme ou langueur,
Tu jetas tes cris d'or à travers la tourmente,
Et les vers qui brûlaient sur ta bouche d'amante
Formaient leur rythme aux seuls battements de ton cœur.

A. SAMAIN.



and the other was a man who had come to the city
from the country. They were all very poor and
had nothing but what they could earn by their
hands and their wits.

One day the peddler was passing by the village
when he saw a woman sitting at a window with
a small child on her lap. She was crying and
the woman was weeping also. The peddler asked

what was the matter.

FLORBELA ESPANCA

(1894 - 1930)

Na noite de 7 para 8 de Dezembro do ano de 1930, morreu inesperadamente, na sua casa de Matozinhos, Florbela Espanca. Pouco falaram da sua morte os jornais, porque nesta altura era quase uma desconhecida. Os dois livros de sonetos que publicou: *Livro de Máguas* (1919) e *Sóror Saudade* (1923) passaram despercebidos ao público. Contrariada por este insucesso, a poetisa encerrou-se na sombra e no silêncio; só de quando em quando enviava a algum jornal ou a alguma revista um soneto ou um trecho de prosa. Os críticos, que cada dia descobrem um poeta novo e tributam sem discernimento nenhum os mais altos elogios a quem menos os merece, não tinham tempo de ocupar-se dela. Felizmente, como disse António Patrício, «o sucesso faz-se nos jornais, mas a glória faz-se no silêncio». E no silêncio abriu-se a flor mais flagrante do seu génio, o volume que, intitulado *Charneca em flor*, saiu póstumo, e do qual a malograda poetisa não chegou a ver senão as provas das duas primeiras folhas.

Elá tinha o conhecimento do seu alto valor. Num soneto intitulado *Versos de orgulho*, falando de si, diz:

O mundo quer-me mal porque ninguem
Tem asas como eu tenho! Porque Deus
Me fez nascer Princeza entre plebeus
Numa torre de orgulho e de desdem.

Porque o meu Reino fica para além...
Porque trago no olhar os vastos céus,
E os oiros e clarões são todos meus!
Porque eu sou Eu e porque Eu sou Alguem!

Ela sabia ser verdadeiramente Alguem nas letras portuguesas de hoje, e por isso confortava-se do esquecimento e do abandono do momento, na esperança dum reconhecimento futuro do seu alto valor. Elá gostava de repetir o verso famoso de Alfredo de Vigny:

sur la pierre du tombeau croît l'arbre de la grandeur.

«*Non omnis moriar*» dizia Horácio, e a obra da desditosa Poetisa alentejana também não morrerá, porque nela encontra-se a elevação de pensamento, a sinceridade de sentimento e a perfeição de forma que tornam a obra de arte imortal.

Se os dois primeiros volumes eram, mais que uma promessa, uma afirmação da sua personalidade artística, este último é uma *verdadeira maravilha*, que põe o nome de Florbela Espanca, alto, bem alto, na história da literatura portuguesa contemporânea, e coloca a sua obra perto dos grandes Mestres da

literatura universal: perto de Keats e de Leopardi, de Verlaine e de Ruben Dario.

Um dia chegará em que Portugal, abrindo finalmente os olhos, deitará fora do templo consagrado à Arte todos os falsos profetas, todos os mercadores que agora o invadem; deitará fora todos os simbolistas, vendedores de pérolas falsas que foram buscar a Paris, a par dos chinezes que encontramos à esquina da rua; todos os doceiros que cristalizam no assucar uma pinga de groselhe; todos os ourives que cinzelam com grande esfôrço um botão; todos os fumistas que modelam os seus poëmas no fumo dum cigarro; todos os sacristães que julgam ter feito obra de poesia metendo em verso o catecismo; todos os falsos patriotas que cantam as glórias de Portugal com a voz enroscada dos pregoeiros de leilão; todos os pássaros empalhados que gorgeiam à beira do Mondego e tôdas as pêgas empavonadas que saltitam nos jardins bem arranjadinhos pela Comissão de Turismo.

Nêsse dia, que para a honra das letras portuguesas auguramos próximo, *Charneca em flôr* será colocado perto do Só de António Nobre, e mãos piedosas desfolharão rosas vermelhas sobre o túmulo onde repousa a ignorada Poetisa, que tanto sofreu a incompreensão e a ingratidão do mundo.

A vida breve de Florbela Espanca, foi um calvário de desilusões. A natureza tinha-lhe dado tudo o que é necessário para triunfar na vida: formosura, elegância, encanto, e além disso, o génio. Todos estes dotes, que deviam ser as armas da sua vitória, foram, pelo contrário, a causa da sua desgraça. Inexperiente

da vida, acreditando, na ingénua bondade do seu espírito, nas palavras vãs de gente indigna dêle, perdeu uma a uma tôdas as ilusões, até chegar, desconfiada e irritada, a escrever: «Detesto a vida porque me mentiu sempre: ninguem passou perto de mim sem fazer-me mal!» Quem não a conhecia, encontrando-a alegre, e alguma vez irónica, julgava-a feliz: porque ela ocultava zelosamente a tragédia íntima da sua alma, a dôr secreta que torturava e amargurava a sua vida. Mas esta dôr, esta tragédia íntima, ecôa no seu canto:

Passo triste na vida e triste sou,
Um pobre a quem jámais quizeram bem,
Um caminhante exausto que passou,
Que não diz onde vai e donde vem.

O que mais a torturava era a incompreensão da gente e a impossibilidade de exprimir a ânsia profunda do seu espírito.

Minha alma ardente é uma fogueira acesa,
É um brasido enorme a crepitar!
Ânsia de procurar sem encontrar
A chama onde queimar uma incerteza!

Tudo é vago e incompleto! E o que mais pesa
É nada ser perfeito. É deslumbrar
A noite tormentosa até cegar,
E tudo ser em vão! Deus que tristeza! . . .

Aos meus irmãos na dôr já disse tudo
E não me compreenderam! . . . Vão e mudo
Foi tudo o que entendi e o que pressinto . . .

Mas se eu pudesse, a máqua que em mim chora
Cantar, não a chorava como agora,
Irmãos, não a sentia como a sinto! ...

Estes «irmãos», na altura que ela publicou o seu primeiro livro de versos, o *Livro de Mágua*, — um livro escrito com as lágrimas dos seus olhos e com o sangue do seu coração, — olharam-na com indiferença irritante, riram-se dela e alfinetaram-na com as mais estúpidas insinuações!

«Deus perdôe aos dois ou três homens mesquinhos que tal fizeram»! diz José Agostinho.

Está bem: mas eu peço que para honra de Portugal, para honra da crítica literária portuguesa, estes homens sejam afastados do seu cargo de críticos oficiais. Não deve ser permitido enganar o público, desprezando os verdadeiros valores, para exaltar os charlatães e os intrujões sempre prontos a recompensar o crítico com as moedas falsas da adulação, quando não lhe passam uma nota de cem escudos.

*

*

*

Charneca em flôr compõe-se de 56 sonetos. Um crítico já disse que temos neste livro a autobiografia da Poetisa, o seu retrato físico e moral.

Aqui, verdadeiramente, Ela aparece-nos com as suas «mãos magritas afiladas» que

Lembram pálidas rosas entornadas
Dum regaço da Infanta do Oriente ...

Aqui aparecem os seus «olhos garços, de que um pintor tirou a luz para pintar o vento», a sua «cabeleira desatada, negra como a Noite», os seus nervos exaltados, «guisos doiro a tilintar», os seus «divinos braços de mulher, onde coube todo o mal da vida». Mas aqui está também a sua alma, com tôdas as suas esperanças e as suas ilusões, com o seu ardente anseio de Verdade, com a sua sêde de Amor, com a tristeza das suas desilusões e a triste experiência da sua vida torturada e crucificada.

Os últimos dez sonetos, que não teem título, mas vão sob a epígrafe camoniana «*He hum não querer mais que bem querer*», são um verdadeiro poema de Amor. É o canto da alma que anela a sua libertação, que julga ter finalmente encontrado o espírito fraternal que a compreenda e que a redima, e no qual põe toda a sua confiança.

Gosto de ti apaixonadamente,
De ti que és a victória, a salvação,
De ti que me trouxeste pela mão
Até ao brilho desta chamma quente.

A tua linda voz de água corrente
Ensinou-me a cantar... e essa canção
Foi rithmo nos meus versos de paixão,
Foi graça no meu peito de descrente.

Bordão a amparar minha cegueira,
Da noite negra o mágico farol,
Cravos rubros a arder numa fogueira!

E eu, que era neste mundo uma vencida,
Ergo a cabeça ao alto, encaro o sol!
Águia real, apontas-me a subida!

Esta invocação acaba num grito desesperado, que nos faz lembrar a invocação de Shelley ao vento do Oeste:

Arranca-me dos pântanos da vida!

Embriagada numa estranha lida,
Trago nas mãos o coração desfeito.
Mostra-me a luz, ensina-me o preceito
Que me salve e levante redimida!

Nesta negra cisterna em que me afundo,
Sem quimeras, sem crenças, sem ternura,
Agonia sem fé dum moribundo.

Grito o teu nome numa sêde estranha
Como se fôsse, Amor, toda a frescura
Das cristalinas águas da montanha!

E quando julga que o seu apêlo será ouvido e que o libertador desejado lhe estenderá a mão para a salvar, solta um cântico d'amor, que é êxtasis suprêmo da sua alma inebriada:

És tu! és tu! sempre vieste emfim!
Oiço de novo o riso dos teus passos!...

Vou lutar, vou combater, perto de ti:

Que importa que nos vençam desenganos,
Se pudermos contar os nossos anos
Assim como degraus duma subida?

E no seu sonho heroico pede ao Senhor:

Que Deus faça de mim, quando eu morrer,
Quando eu partir para o País da Luz
A sombra calma dum entardecer,

Tombando, em dôces prégas de mortalha,
Sobre o teu corpo heroico, posto em cruz,
Na solidão dum campo de batalha!

Portuguesa, bem portuguesa está heroica alma de Mulher, que considera a vida um combate, e julga nada ser melhor que caír no campo de batalha, por uma causa sagrada, e ao combatente glorioso oferece o seu amor para viver e para morrer junto com êle!

Mas o sonho, o grande sonho encantador desaparece de repente. Tudo foi uma ilusão . . .

E assim como nas *Sinfonias* de Beethowen, depois da exaltação da vida, da alegria, do amor, ouve-se, repentinamente, um chôro, a desdita Poetisa, suspira:

Perdi os meus fantásticos castelos
Como névoa distante que se esfuma . . .
Quis vencer, quis lutar, quis defendê-los,
Quebrei as minhas lanças uma a uma!

Perdi minhas galeras entre os gêlos
Que se afundaram sobre um mar de bruma
— Tantos escolhos! quem podiavê-los? —
Deitei-me ao mar e não salvei nenhuma!

Perdi a minha taça, o meu anel,
A minha cota de aço, o meu corcel,
Perdi meu elmo de oiro e pedrarias . . .

Sobem-me aos lábios súplicas estranhas,
Sobre o meu coração pesam montanhas...
Olho assombrada as minhas mãos vasias...

Á pobre poetisa não resta outro amparo que a Morte. E a Morte não tardou a chegar... Dir-se-ia que Ela tinha o pressentimento do seu próximo fim. Num soneto que enviou a Aurora Jardim, uma semana antes de morrer, dizia:

Morte, minha Senhora, Dona Morte
Tão bom que deve ser o teu abraço!
Lânguido e dôce como um dôce laço
E como uma raiz sereno e forte.

Não há mal que não sare ou não conforte
Tua mão que nos guia passo a passo,
Em ti, dentro de ti, no teu regaço
Não há triste destino nem má sorte:

Dona Morte dos dedos de veludo,
Fecho-me os olhos que já viram tudo,
Prende-me as azas que voaram tanto!

Vim de Moirama, sou filha de rei,
Má fada me encontrou e aqui fiquei
Á tua espera... quebra-me o encanto!...

*

* * *

A Morte chegou; o encanto está quebrado...
A Poetisa voltou para o reino que sonhara, voltou para este país de lenda «no qual ficaram seus

brocados, e suas joias que pelas aias repartiu, como outras rosas da Rainha Santa».

Voltou para o «país de sonho e de ansiedade» do qual sentia-se Infanta, e talvez encontrasse nêle

Tanta opala que tinha, tanta, tanta!

Encontrou seguramente Deus, que tão ansiosamente procurava, «tropeçando na sombra do seu caminho de Damasco», encontrou a divina nascente da verdade, onde matar a sêde que a torturou no seu duro caminho de pedras. Descance na Paz o seu espírito torturado!

Mas quem nos consolará de nos ter abandonado tão cêdo, quando o seu génio, o seu alto génio, nos dava a esperança de ouvir ainda dos seus lábios cânticos cheios de beleza imortal?

«Vãs palavras o nosso coração não encontra, quando a dôr o aperta. Sáem os versos graves, solenes, como andorinhas que banham as azas no pranto, e buscam, voando, o azul sereno do alto Céu» (*Tennyson*).

O SENTIMENTO DA NATUREZA NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA

Uma tarde de Setembro do ano findo, encontra-me perto de Florbela Espanca no seu toldo à beira mar, na praia de Matozinhos.

O dia fôra tempestuoso: grandes nuvens cinzentas, arrastadas pelo vento, passavam no céu, e o mar, bravo, desenrolava as suas ondas orladas de espuma, que vinham morrer com grande estrondo na areia. As gaivotas esvoaçavam com as azas abertas à flôr das ondas e enchiam o ar dos seus gritos lacerantes. Mas, ao morrer do dia, o sol rompeu improvisadamente o véu das nuvens e incendiou o céu e o mar com os seus raios, lançando feixes de luz vermelha sobre as casitas brancas de Matozinhos. Ficamos ambos encantados desta festa de luz, dêste molho de rosas que o Sol desfolhava antes de pôr-se no mar. A pobre Florbela olhava o milagre com os seus olhos pensativos, profundos, sem dizer palavra, enquanto eu lhe repetia alguns versos italianos de Manzoni que descrevem maravilhosamente o pôr do sol atrás dos montes da nossa terra.

Á noite, Florbela escreveu o soneto *Tarde no mar* que se pode lêr a pág. 15 do seu volume «Charneca em flôr».

* * *

Eu quiz deixar aqui esta lembrança, para mostrar a rara sensibilidade desta extraordinária poetisa, cuja alma era um espelho límpido onde os aspectos da Natureza se reflectiam com pureza cristalina. Porém Ela «não se deixava enredar nas superficiais impressões do mundo exterior», mas penetrava na «consciência das coisas, isto é, descobria nas coisas, o segredo dos laços obscuros e invisíveis que as prendem à nossa vida humana». Estas palavras que Luís de Almeida Braga usa para caracterizar a poesia de António Sardinha (¹), conveem perfeitamente a Florbela Espanca. Lêde êste admirável soneto *Noitinha*, que já um crítico (²) assinalou como uma das pérolas mais preciosas da «Charneca em flôr»:

A noite sobre nós se debruçou...

Minha alma ajoelha, põe as mãos e ora!

O luar, pelas colinas, nesta hora

É água dum gomil que se entornou...

(¹) António Sardinha *O roubo de Europa, poema, com um estudo de Luís de Almeida Braga*. Lisboa, 1931.

(²) Joaquim Costa (*Celso*) no *Jornal de Notícias* — 22. II. 1931.

Não sei quem tanta perola espalhou!
 Murmura alguem pelas quebradas fora...
 Flores de campo, humildes, mesmo agora,
 A noite, os olhos brandos, lhes fechou...

Fumo beijando o colmo dos casais,
 Serenidade idílica de fontes,
 E a voz dos roussinois nos salgueirais...

Tranquilidade... calma... anoitecer...
 Num êxtase, eu escuto pelos montes
 O coração das pedras a bater...

Ela entendia a voz misteriosa das coisas inanimadas; entendia o mistério da chuva, do vento, da neve.

Gosto de ti, ó chuva nos beirados,
 Dizendo coisas que ninguem entende!
 Da tua cantilena se desprende
 Um sonho de magia e de pecados.

Dirigindo-se ao vento, dizia:

Vento de voz tristonha, voz plangente,
 Vento que ris do mundo e do amor,
 A tua voz tortura toda a gente!

Vale-te mais chorar, meu pobre amigo!
 Desabafa essa dôr a sós comigo,
 E não rias assim! Ó vento, chora!

Que eu bem conheço, amigo, êsse fadálio
 Do nosso peito ser como um calvário,
 E a gente andar a rir p'la vida fora!...

E queria que a chuva, o vento, a neve mostrassem a ânsia secreta da sua alma:

Ó chuva, ó vento, ó neve! que tortura!
Gritem ao mundo inteiro esta amargura,
Digam isto que sinto, que eu não posso!

Ela entendia também a voz das árvores:

Diz-me a tília a cantar: «Eu sou sincera,
Eu sou isto que vês, o sonho, a graça,
Deu ao meu corpo, o vento, quando passa,
Este ar escultural de bayadera.

E é para mim que em noites de desgraça
Toca o vento Mozart, triste e solene,
E á minha alma vibrante, posta a nú,
Diz a chuva sonetos de Verlaine».

E ao vêr-me triste, a tília murmurou:
«Já fui um dia poeta como tu...
Ainda hás de ser tília como eu sou».

Por isso se explica lógicamente o seu panteísmo:

Sinto-me luz e côr, ritmo e clarão
Dum verso triunfal de Anacreonte!

Vejo-me asa no céu, erva no chão,
Oiço-me góta de água a rir, na fonte,
E a curva alta e dura do Marão
É o meu corpo transformado em monte.

A minha alma é o túmulo profundo
Onde dormem, sorrindo, os deuses mortos!

Por isso mesmo Ela queria transformar-se e «voltar à inocência das coisas brutas, sãs, inanimadas», queria

Ser nostálgico choupo ao entardecer
De ramos graves, plácidos, absortos...
Ser haste, seiva, ramaria inquieta
Erguer ao sol o coração dos mortos
Na urna de oiro duma flôr aberta!

* * *

Alguem já chamou a Florbel Espanca «a poeta do Alentejo». O título mesmo do seu último volume revela o grande amor que Ela tinha pela sua terra natal, por essa «Pobre de Cristo» por Ela cantada num soneto maravilhoso, que começa:

Ó minha terra na planicie rasa,
Branca de Sol e cal e de luar,
Minha terra de tardes sem uma asa,
Sem um bater de folha... a dormitar...

O Alentejo formou a sua alma pensativa, profunda.

Esta terra, com a sua paisagem triste e severa, com a sua vastidão imensa, com a sua luz fulgurante, convidava a alma para a concentração, para a meditação; enquanto que o Minho, alegre e risonho, nos convida a gozar a vida e nos distrai pelo espectáculo encantador dos seus quintais, dos seus pomares, das suas águas cantantes.

«O rosto duro da charneca» florida de giestais e de rosmaninhos, é a imagem da alma apaixonada e ardente da poetisa alentejana, que gostaria «perder-se na solidão dos ermos matagais, uivando os brados, rouquejando os gritos», a par dos animais bravos que, à noite, saiem da sua cova, em busca de presa ou de amor.

Num soneto que merecidamente se pode citar junto dos famosos «Ceifeiros» de Fialho, descreve a dura faina dos trabalhadores do campo, queimados pelo sol ardente.

Cantam as raparigas, brandamente
Brilham os olhos negros feiticeiros.
E há perfis delicados e trigueiros
Entre as altas espigas de oiro ardente.

Eu sou uma daquelas raparigas
E tu passas e dizes: Salve-os Deus!

E quem poderá esquecer a descrição maravilhosa que nos dá das «horas mortas» da sua terra em braza?

Horas mortas... Curvada aos pés do Monte
A planicie é um brasido... e, torturadas,
As arvores sangrentas, revoltadas
Gritam a Deus a benção duma fonte!

Arvores! não choreis. Olhai e vêde.
Tambem ando a gritar, morta de sede,
Pedindo a Deus a minha gôta de água!

Porém, o destino da vida conduziu-a a viver

longe, muito longe do seu querido Alentejo. Viveu longos anos e morreu à beira do Mar; dêste Mar, de que Ela gostava a tal ponto de escrever:

Eu queria ser o Mar de altivo porte,
Que ri e canta, a vastidão imensa!

E à beira-mar seguramente, numa destas tardes em que o céu e as ondas são uma festa de luz, um mágico espectáculo que encanta os olhos, Ela pensou e escreveu êste verso admirável, que bastaria para fazer a glória dum poeta:

Como cai em pó de oiro o ar da tarde!

Lindo verso, aonde há o trémulo reflexo dos raios dum pôr de sol à flôr das águas, e que na sua lenta musicalidade nos dá o sentido melancólico do fim do dia. Pensa-se involuntariamente no famoso terceto de Dante:

Era già l'ora che volge il desio
Ai naviganti e intenerisce il cuore
Lo di ch'han detto ai dolci amici addio ...

Mas «o Mar também chora de tristeza» e no Sol que desaparece «como uma urna de oiro à flôr das ondas, num lençol d'espuma», Ela via a imagem das suas ilusões perdidas:

As minhas ilusões; doce tesouro,
Tambem as vi levar em urna de oiro
No mar da vida, assim... uma por uma.

Aqui encontra-se novamente aquela compenetração da alma com as coisas da Natureza, de que falamos anteriormente. Compenetração que atinge o máximo neste admirável soneto do «Livro de Sóror Saúdade» que se intitula *Noturno*.

Amor! Anda o luar, todo bondade,
Beijando a terra, a desfazer-se em luz...
Amor! São os pés brancos de Jesus
Que andam pisando as ruas da cidade!

E eu ponho-me a pensar... Quanta saudade
Das ilusões e risos que em ti puz!
Traçaste em mim os braços duma cruz,
Neles pregastes a minha mocidade!

Minh'alma, que eu te dei, cheia de máguas,
É nesta noite o nenufar dum lago
Estendendo as azas brancas sobre as águas!

Poisas as mãos nos meus olhos, com carinho,
Fecho-os num beijo dolorido e vago...
E deixa-me chorar devagarinho...

E agora, se eu não tivesse mêmô de abusar das citações, queria reproduzir o lindo soneto no qual canta a *Primavera*:

É primavera agora, meu Amor!
O campo despe a veste de estamenha;
Não há arvore nenhuma que não tenha
O coração aberto, todo em flor!

Tambem despi meu triste burel pardo,
E agora cheiro a rosmaninho e a nardo
E ando agora, tonta, á tua espera...

Puz rosas côr de rosa em meus cabelos,
 Parecem um rosal! Vem desprendê-los!
 Meu amor, meu Amor, é Primavera!

Gostaria de reproduzir *Noite de chuva* e *Langidez*, onde as tardes de Portugal «duma pureza de açucenas» são representadas dumha maneira encantadora, com as suas horas de fumo e de cinzas, e o pálido veludo das suas sombras evanescentes. Gostaria de falar destas *Noites*, nas quais

As estrelas miudinhas dão no ar
 As voltas dum cordão de margaridas,

ou parecem «rosas brancas dum rosal do Céu».

E queria falar dêste «pátio alucinante de Granda» em que a espectativa do Amor transforma a alma da Poetisa, reproduzindo também o soneto de *Toledo*, que acaba mesmo numa invocação de Amor.

Flameja ao longe o esmalte azul do Tejo;
 Uma torre ergue ao céu um grito agudo:
 Tua bôca desfolha-me num beijo!

«Sem alto pensamento nem sentimento verdadeiro não há poesia».

Estas palavras de Luís de Almeida Braga quero eu deixar aqui como final dêste breve estudo (e bem incompleto ainda), para chamar a atenção dos leitores sobre o valor enorme da obra de Florbela Espanca.

Ela não fez da poesia um passatempo elegante, um jôgo de espírito, um vão exercício de palavras e de rimas. Ela cantou chorando, como o rouxinol da

Alma perdida do seu «Livro de Máguas», e derramou cantando o seu sangue para envermelhar a rosa que se abre no místico jardim do sonho, ao luar de estio: — esta rosa da qual fala Oscar Wilde, num conto encantador da sua *Casa das romãs*.

Pode-se dizer de Florbela Espanca o que Albert Samain dizia de Marceline Desbordes Valmore;

Ivresse ou désespoir, enthousiasme ou langueur,
Tu jetas tes cris d'or à travers la tourmente.
Et les vers qui brûlaient sur ta bouche d'amante
Formaient leur rythme aux seuls battements de ton cœur.

Florbela Espanca foi uma grande Poetisa porque teve um alto pensamento e um sentimento verdadeiro.

Sobre o mar tempestuoso da sua vida, a sua arte «translúcida e perfeita, o seu verso dum a sobriedade diáfana e palpitante, com vibrações profundas e sinceras» ⁽¹⁾ foi semelhante a um

Vôo de gaivotas, leve, imaculado
Como neve nos pincaros nascidos !

(1) Palavras de José Agostinho no *Libertador* — 8-II-1931.

A VIDA, O AMOR E A MORTE NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA

Num soneto do «Livro de Máguas» intitulado *A flôr do Sonho*, Florbela Espanca confessa que desde o dia em que se abriu miraculosamente no seu coração «a flôr do sonho alvíssima divina».

Vooou ao longe a asa da sua alma
E nunca, nunca mais pois se entendeu ...

É o destino fatal de todos os grandes artistas, de todos os grandes poetas. Desde o instante em que brilha ante aos seus olhos a luz fulgurante dum mundo ideal, cheio de ternura e de beleza, tornam-se estrangeiros a êste mundo, à vida dos homens vulgares, que vivem só para comer e amam para reproduzir-se. Disso deriva a sua infelicidade. O mundo não os comprehende, julga-os sonhadores, fantásticos, volúveis e deixa-os morrer no abandono. Tasso e Beethoven morrem no hospital, Rembrandt e Camões não teem outro amparo na sua miseria que a caridade

duma criada e dum servo; Cervantes finou-se tão olvidado que ninguem sabe onde está a sua sepultura. São os «vencidos da vida», destinados a triunfar depois da morte.

A vida foi má, verdadeiramente má para Florbel Espanca. Ela dizia que, nascendo, «uma má fada a encantou».

Filha ilegítima, Ela não teve nem o amor duma mãe, nem o carinho duma família; a sorte não lhe concedeu nem a saúde, nem a riqueza, nem quem fôsse capaz de compreender o seu génio e de apreciar a sua enorme superioridade intelectual. Tinha só um irmão, que era todo o seu amparo, e êste irmão morreu trágicamente desaparecendo uma noite nas águas do Tejo. A partir de então, ela perdeu o sono, e não dormia senão recorrendo aos remédios que deviam ser tão fatais para a sua saúde, para o equilíbrio dos seus nervos.

«E que lhe valeu enfim espalhar o seu canto divino, se o público olhava para ela com olhos indiferentes, e os críticos, alfinetavam-na com as mais estúpidas insinuações?

Lançar um grande amor aos pés de alguém
O mesmo é que lançar flores ao vento!

Ninguem julgue porém que Ela se insurgisse contra o seu destino; pelo contrário aceitara-o resignadamente, com esta calma magnâнима da qual a alma feminina, muitas vezes melhor que os homens, nos dá o exemplo. A sua superioridade moral trans-

parece dêste admirável soneto *Ódio*, que se pode ler à pág. 66 do «Livro de Sóror Saüdade».

* * *

Ódio por êle?... Não... Se o amei tanto,
Se tanto bem lhe quiz no meu passado,
Se o encontrei depois de o ter sonhado,
Se á vida assim roubei todo o encanto...

Que importa se mentiu? E se hoje o pranto
Turva o meu triste olhar, marmorizado,
Olhar de monja, trágico, gelado
Como um soturno e enorme Campo Santo?

Ah! Nunca mais ama-lo é já bastante!
Quero senti-lo d'outra, bem distante,
Como se fôra meu, calma e serena...

Calma e serena como a Dido vergiliana no reino das sombras; calma e serena como a poetisa grega que Leopardi cantou no seu *Ultimo canto di Saffo*... Quando a última ilusão desapareceu, quando o último sonho se perdeu como uma nuvem no ar,

Sóror Saüdade entrou no seu convento
E, até morrer, resou, sem um lamento,
Por *um* que se perdera no caminho!...

Que nobreza d'alma, que grandeza moral nesta atitude de resignada aceitação do seu destino!

Florbelo Espanca tinha a certeza de ter vivido outrora feliz, num mundo ideal, além da vida. No soneto *Nostalgia* da «Charneca em flôr» (pág. 31) fala do seu país de maravilha, das riquezas que ela possuia e que deixou ali quando a má fada a encantou tornando-a num ser mortal.

Nesse País de lenda que me encanta,
Ficaram meus brocados, que despi,
E as joias que p'las aias reparti
Como outras joias de Rainha Santa!

O seu único desejo era voltar a esse «País de sonho e de ansiedade» donde trouxera «a magia dos seus versos», e donde lhe vinham de quando em quando «vozes misteriosas, écos longínquos».

Tanto poeta em verso me cantou...
Fui Essa que habitou Paços Reais,
No marmore de curvas ogivais
Fui Essa que as mãos palidas poisou...

Surpreendida, preguntava:

Tinha o manto do Sol... Quem m'o roubou?
Quem pisou minhas rosas desfolhadas?
Quem foi que sôbre as ondas revoltadas
A minha taça de oiro espedaçou?

E como infelizmente nada trouxera do seu reino encantado, olhando as suas mãos vasias, dizia:

Na vida nada tenho e nada sou,
Eu ando a mendigar pelas estradas;
No silencio das noites estreladas
Caminho, sem saber para onde vou!...

«Quero voltar!» Eu não sei quem sou, nem que hei a fazer aqui na vida.

Sei lá! Sei lá! Eu sei lá bem
Quem sou? Um fôgo-fátuo, uma miragem...
Sou um reflexo... um canto de paisagem
Ou apenas cenário!...

Sei lá quem sou? Sei lá! Sou a roupagem
Dum doido que partiu numa romagem
E nunca mais voltou! Eu sei lá quem!...

Ó Morte, Dona Morte dos dedos de veludo,
quebra-me o encanto da má fada, deixa-me voltar à
minha terra desejada, ao reino que é meu! Tu tens a
chave d'ouro do país do meu sonho!

Poder-se-ia fazer um belo livro, escolhendo d'entre os 154 sonetos de Florbela Espanca os seus *Versos de Amor*.

Não sei se na literatura moderna portuguesa alguém falou sobre êste tema com tanta sinceridade e com tanta profundidade; bem sei que n'alguns dos

seus sonetos palpita a mesma intensidade de paixão,
a mesma ternura de sentimento que se encontra nas
Cartas de Sóror Mariana.

Como epígrafe dêste livro eu poria os versos que
se lêem a pág. 42 de «Sóror Saüdade»

Livro do meu amor, do teu amor,
Livro do nosso amor, do nosso peito ...
Abre-lhe as folhas devagar, com geito,
Como se fossem pétalas de flôr.

O primeiro soneto deveria ser aquele em que
descreve o nascer da sua paixão amorosa:

Eu era a desdenhosa, a indiferente,
Nunca sentira em mim o coração
Bater em violencias de paixão
Como bate no peito a outra gente.

Minh'alma, a pedra, transformou-se em fonte;
Como nascida em carinhoso monte,
Toda ela é riso e é frescura e graça!

Nela refresca a bôca um só instante ...
Que importa? Se o cançado viandante
Bebe em todas as fontes, quando passa? ...

No coração do poeta, o amor torna-se naturalmente canto, como a água na fonte.

Deixa dizer-te os lindos versos raros
Que a minha bôca tem p'ra te dizer!
São talhados em mármore de Paros,
Cinzelados por mim p'ra te oferecer.

Teem dolencias de veludos caros,
 São como sedas pálidas a arder...
 Deixa dizer-te os lindos versos raros
 Que foram feitos p'ra te endoidecer!

Mas, meu Amor, eu não t'os digo ainda...
 Que a bôca da mulher é sempre linda
 Se dentro guarda um verso que não diz!

Amo-te tanto! E nunca te beijei...
 E nesse beijo, Amor, que não te dei
 Guardo os versos mais lindos que te fiz!

Reparai que límpida ternura neste soneto: «Sua-
 vidade», que faz lembrar os versos de Gabriel d'An-
 nunzio à mãe, no *Poema Paradisiaco*:

Pois a tua cabeça dolorida
 Tão cheia de quimeras, de ideal,
 Sobre o regaço brando e maternal
 Da tua doce Irmã compadecida.

Hásde contar-me nessa voz tão querida
 A tua dôr que julgas sem igual,
 E eu, p'ra te consolar, direi o mal
 Que á minha alma profunda fez a Vida.

Porém, bem cedo o Amor se transforma numa
 paixão ardente:

Longe de ti são ermos os caminhos,
 Longe de ti não ha luar nem rosas,
 Longe de ti ha noites silenciosas,
 Ha dias sem calor, beirais sem ninhos!



Vejo-te só a ti no azul dos céus,
Olhando a nuvem de oiro que flutua,

Nos vultos que diviso pela rua
Que cruzam os seus passos com os meus.
Minha boca tem fome só da tua,
Meus olhos teem sêde só dos teus!

Sombra da tua sombra, doce e calma,
Sou a grande quiméra da tua alma
E sem viver ando a viver contigo ...

Deixa-me andar assim no teu caminho
Por toda a vida, Amor, devagarinho,
Até a Morte me levar consigo ...

Foi nesta altura que desabrocharam da sua alma,
os dois sonetos admiráveis *Silêncio* e *O maior bem*
que se podem ler à pág. 83-84 da «Charneca em
flôr».

«O cacto purpurino» do amor apaixonado abre
ao sol as suas pétalas de seda, e «os nervos, guisos
de oiro a tilintar», cantam na alma a estranha sin-
fonia

Da volupia, da máguia e da alegria
Que me faz rir e que me faz chorar!

As noites voluptuosas de outono fazem-na deli-
rar, soluçando de amor.

Meu corpo! Trago nele um vinho forte:
Meus beijos de volupia ou de maldade!

Trago dália vermelhas no regaço,
São os dedos do sol, quando te abraço,
Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos
Vão-te envolvendo em círculos dantescos
Felinamente, em voluptuosas danças...

E numa efusão ardente da sua alma desvairada,
ululante, grita:

Eu quero amar, amar perdidamente
Amar só por amar. Aqui, além
Mais êste ou aquele, o Outro e toda a gente!

Há uma primavera em cada vida:
É preciso canta-la assim florida
Pois, se Deus nos deu voz, foi p'ra cantar!

E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada,
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... p'ra me encontrar.

Eis-nos chegados ao «fortíssimo» da sinfonia beethoveniana da paixão amorosa. Mas agora vamos ouvir de improviso uma voz de pranto. É a triste experiência da vida, que aos lábios de Fausto fazia brotar as palavras: «O ideal foi sonho e a realidade foi dôr»!

Tudo é vaidade neste mundo vão...
Tudo é tristeza; tudo é pó, é nada!
E mal desponta em nós a madrugada,
Vem logo a noite encher o coração!

Até o Amor nos mente, essa canção
 Que o nosso peito ri á gargalhada,
 Flôr que é nascida e logo desfolhada,
 Pétalas que se pisam pelo chão!...

Beijos d'amor! P'ra que? Tristes vaidades!
 Sonhos que logo são realidades,
 Que nos deixam a alma como morta!

Só acredita neles quem é louca!
 Beijos d'amor que vão de bôca em bôca
 Como pobres que vão de porta em porta!...

Num outro soneto, intitulado *Inconstância*, confessa abertamente:

Procurei o Amor, que me mentiu...

Noutra parte diz:

É vão o amor, o odio ou o desdem;

Todos somos no mundo um «Pedro Sem»

Uma alegria é feita dum tormento;

Sabe-se lá um beijo d'oncê vem!

A mais nobre ilusão morre...

Nos olhos do seu amante já ela leu o abandono:

Os teus olhos são frios como as espadas
 E claros como os trágicos punhais,
 Vejo neles imagens retratadas
 De abandonos crueis e desleais...

Desesperada, ela grita ao seu amado:

Não me digas adeus, ó sombra amiga,
Abranda mais o ritmo dos teus passos,
Não vás ainda embora, ó sombra amiga!

Espera, espera..., ó minha sombra amada,
Vê que p'ra além de mim já não há nada
E nunca mais me encontrares neste mundo!

Vão pedido!

O nosso amor morreu!... Quem o diria!
Quem o pensára mesmo ao ver-me tonta,
Ceguinha de te ver, sem ver a conta
Do tempo que passava, que fugia?

E quem poderá lêr sem lágrimas o admirável
soneto *Sobre a neve*?

Sobre mim, teu desdem, pesado jaz
Como um manto de néve... Quem dissera
Porque tombou em plena primavera
Toda essa néve que o inverno traz?

Coroavas-me inda há pouco de lilás
E de rosas silvestres... Quando eu era
Aquela que o Destino prometera
Aos teus rutilos sonhos de rapaz!

Dos beijos que me deste não te importas,
Asas paradas de andorinhas mortas...
Fôlhas de outôño em correria louca...

«Detesto a vida porque me mentiu sempre», escrevia-me numa carta Florbela Espanca. Talvez ela pedisse à vida mais de que esta lhe podia dar...

Desiludida, desprezada, incompreendida, Ela teve ainda a calma de escrever êste admirável soneto *O maior bem*, que nós encontramos, depois da sua morte, entre os seus papeis mais íntimos.

Este querer-te bem sem me quereres,
Este sofrer por ti constantemente
Andar atrás de ti sem tu me vêres
Faria piedade a toda gente.

Mesmo a beijar-me a tua boca mente...
Quantos sangrentos beijos de mulheres
Poisa na minha a tua boca ardente,
E quanto engano nos seus vãos dizeres!...

Mas que me importa a mim que não me queiras,
Se esta pena, esta dôr, estas canceiras,
Este mísero pungir, árduo e profundo

Do teu frio desamor, dos teus desdens,
É, na vida, o mais alto dos meus bens?
É tudo quanto eu tenho neste mundo?

Os últimos dias da nossa pobre Florbela foram uma das tragédias mais dolorosas. Quem lê o soneto *Loucura*, à pág. 92 das «Reliquias», comprehende a tempestade, que a arrastou e a arrebatou à morte.

No mistério da noite, rodeada de calma e de silêncio, no seu pequeno quarto, aonde a sua lâmpada a par duma estrela, ardia, sósinha, sobre as negras casas adormecidas à beira do mar, escreveu as suas últimas disposições, deixando às amigas as suas coisas mais caras, e lembrou-se também de dois versos que Ela escrevera um dia, rogando que

... em braçadas de lírios e mimosas
No crepusculo que desce a enterrassem!

Em braçadas de lírios e mimosas, num triste crepúsculo de Dezembro, acompanhamo-la à Igreja de Matozinhos.

O céu era cinzento, coberto de nûvens que ameaçavam a cada instante a chuva, o mar, bravo, arrojava com grande estrondo as suas ondas revoltas contra a praia. Os sinos dobravam sinistros como nas noites lúgubres dos naufrágios ...

Acabadas as práticas religiosas, quando nos dispúnhamos a sair da igreja para ir ao Campo-Santo, as nûvens derramaram o seu pranto com tal furor, que nos foi absolutamente impossível formar o cortejo, e

a nossa pobre Florbela passou a sua última noite numa capelinha contigua à igreja.

Logo, regressando sob a chuva torrencial, lembrei-me dos versos que Ela tinha escrito no soneto *Misterio*:

Gosto de ti, ó chuva, nos beirados
Dizendo coisas que ninguem entende.
Da tua cantilena se desprende
Um sonho de magia e de pecados.

Dos teus pálidos dedos delicados
Uma alada canção palpita e ascende,
Frases que a nossa bôca não aprende,
Murmúrios por caminhos desolados.

Pelo meu rôsto branco, sempre frio,
Fazes passar o lúgubre arrepió
Das sensações estranhas, dolorosas ...

Talvez um dia entenda o teu mistério
Quando, inerte, na paz do cemiterio,
O meu corpo matar a fome ás rosas!

Mas entre as pessoas que formaram o cortejo, quem sabia de ter acompanhado ao eterno repouso a maior poetisa de Portugal, não só de hoje, mas de todos os tempos?

O VALOR DA OBRA POÉTICA DE FLORBELA ESPANCA

Depois de ter assim focado os elementos constitutivos da poesia da Florbela Espanca, vamos examinar agora o valor da sua obra.

Escrevia recentemente um crítico: «Em arte, há expressões exteriores de mero estilo e expressões íntimas, profundas, de carácter rigorosamente humano. Um artista pode tornar-se possuidor dum estilo próprio e saber exprimir-se, tecnicamente, duma forma superior, mas se não houver na sua obra um fundo de sinceridade a justificar a inspiração que a gerou, resulta uma nulidade que celeremente se esfuma, sem sequer deixar rasto da sua passagem, desaparecendo vertiginosamente no abismo da indiferença e do esquecimento» (1).

Uma futilidade, mesmo em lindos versos, não deixa de ser uma futilidade; e se o poeta que a es-

(1) António Saraiva no *Diário de Coimbra*, 14 de Setembro de 1931.

creveu nada sentiu, a sua obra não tem valor nenhum, é um mero passatempo. Tomemos um exemplo célebre, a *Canção do passarinho embalsamado* de Eugénio de Castro:

É de ébano o meu poleiro,
De rubis meus olhos falsos,
Mas, rico, bem mais padeço
Que os pobresinhos descalços.

.

Saudoso de liberdade,
Morri saudoso a cantar...
E saudosa a minha dona
Fez-me logo embalsamar.

Quem então me embalsamou,
Julgando enganar alguem,
Fez-me co'as azas abertas
E abriu-me o bico tambem.

Mas ninguem se iluda ao vêr-me,
Como eu tambem não me iludo:
Par'cendo viver, estou morto
Par'cendo cantar, estou mudo.

O poder de voar, cantando
A morte dura levou-o!
Finjo cantar e não canto,
Finjo voar e não vôo...

São bonitos estes versos, não são? As palavras escolhidas, as rimas perfeitas; mas que emoção despertam em nós? Nenhuma.

O que sentiu o poeta ao escrevê-los? Nada.

Temos que chorar, ou invejar a sorte do passarinho?

— Coitado!... Dá-nos mas é vontade de rir...

Por certo o poeta escreveu estes versos num momento d'ócio, olhando para um melro embalsamado dentro dum caixinha de vidro, ou bordado numa almofada... Por isso a sua poesia tem o mesmo valor dumha almofada, bem arranjadinha, que uma menina prendada bordou com sedas finas para a exposição do seu colégio.

Mas, dirá alguém — o tema não dava para mais...

— Não diga isso: Leopardi e Pascoli criaram duas obras primas, cantando o *Pardal solitário* e o *Pintasilgo cego*; Burns passou à posteridade particularmente pela sua ode *A uma violeta*. A questão é que estes poetas sentiam o que cantavam; Leopardi, no pardal solitário via o símbolo da sua vida melancólica e triste; Pascoli no pintasilgo cego chorava a vítima do egoísmo humano, do mesmo egoísmo que, matando o pai dêle, tinha lançado na miséria uma pobre família de oito orfãos; e Burns, na triste sorte da violeta, cortada pelo arado, pressentia o seu destino. Estes seres vivem da vida que o poeta lhes comunicou.

E quando esta vida é palpante, quando o hálito creador é forte, quando a emoção é sincera, quem é que nota as imperfeições da forma? Ha versos duros e enigmáticos em Dante, ha êrros de história e de geografia em Shakespeare, mas por isso a *Divina Comedia* e o *Júlio César* deixam de ser obras primas do pensamento humano?

As rimas de Miguel Angelo estão bem longe de alcançar a perfeição da forma; sente-se nelas o esfôrço do Titan que luta com as dificuldades da palavra, assim como lutava com a dureza da pedra, mas — apesar disso — as suas poesias são infinitamente superiores às rimas dos «petrarquistas» que cantavam, só por cantar, não porque o sentissem.

Ei dice cose, voi dite parole!

Eles faziam versos, Miguel Angelo escrevia poesia.

A mesma observação se pode fazer a respeito da pintura. Os frescos de Giotto em Assis, as pinturas de Frei Angélico em Florença são cheios de êrrros de prospectiva e de anatomia; a sua paisagem é ainda infantil, o seu colorido é pobre, mas o sentimento dramático é tão forte, a emoção tão sincera, que nós esquecemos os defeitos para admirar a composição dos Mestres, para rezar com eles na glória do Paraizo, para chorar com as Marias ao pé da Cruz.

Vieram mais tarde artistas mais sabedores, mais acabados, mais perfeitos, como André del Sarto, que os contemporâneos chamavam «pintor sem êrrros», mas porque é que eles nos deixam indiferentes? Porque falta na sua obra esta emoção sincera, este carácter rigorosamente humano de que fala o crítico supracitado. Giotto e Frei Angélico pintavam rezando — ou melhor rezavam pintando — enquanto que os outros se preocupavam de ostentar a elegância do seu desenho e o brilho do seu colorido.

Já disse que Florbela Espanca não fez da poesia um jôgo de espírito, uma amostra de habilidade em escrever versos e arranjar rimas, mas cantou chorando, derramou a sua alma no canto. A sua poesia desvairada, ululante, raras vezes equilibrada, foi o éco sincero da sua alma torturada e cruxificada.

Minh'alma ardente é uma fogueira acesa,
Um brasido enorme a crepitar ...

Por esta siceridade absoluta, por esta emoção vibrante, por este profundo carácter humano, a sua obra tem um valor enorme. A tocha que esta pobre mulher agita ante os nossos olhos, foi acesa na chama ardente do seu coração.

Que importa se alguma vez o crítico descobre uma leve imperfeição de forma, um adjetivo impróprio, um verso de métrica duvidosa? Ela não teve tempo de emendar o que escreveu; não teve, escrevendo, a preocupação do público, indiferente e hostil, pronto a apontar o mínimo êrro, sem ver as belezas radiantes e inumeráveis, espalhadas no seu canto. O rouxinol que à noite chora a sua máguia, não se importa de quem esteja a ouvi-lo.

São estes gritos de paixão, são estes soluços que soltam do seu peito, no divino abandono da sua alma; são estas lágrimas com que regou o seu duro caminho de pedras, que tornam a sua obra imortal.

«Só o drama íntimo dum coração, com tôdas as suas consequências espirituais, pode dar origem a formas eternas de beleza e motivos de dolorida arte como estes que Florbela nos legou».

Falando de Marcelina Desbordes—Valmore, Baudelaire escrevia: «*Si le cri, si le soupir naturel d'une âme d'élite, si l'ambition désespérée du coeur, si les facultés soudaines, irréfléchies, si tout ce qui est gratuit et qui vient de Dieu, suffisent à faire le grand poète, M. D. V. est et sera toujours un grand poète. Elle a les grandes et vigoureuses qualités qui s'imposent à la memoire, les trouées profondes faites à l'improviste dans le coeur, les explosions magiques de la femme.*

Estas palavras adaptam-se perfeitamente à nossa Florbela. O valor da sua obra é igual, e por isso a sua glória será tão grande e tão durável como aquela da poetisa francesa.

GUIDO BATTELLI.

Coimbra — Outubro, 1931.

Mou sei, mais prona, que tu sei vive
d'esso che amas tanto e que songrando di
e que l'amore che d'esso ti sorride
non è che l'esse que non senti se

A FLORBELLA ESPANCA

O amor dum homem? — Terra tão pisada!

Gôta de chuva ao vento baloiçada...

Um homem? — Quando eu sonho o amor dum Deus!

S'ogni terreno amor, di', non ti basta,
deh, perchè l'occhio non sollevi al Ciel,
perchè ricusi di veder la fiamma
ch'arde nascosta dentro il nostro vel?

Perchè vorresti che ne l'ombra, spenta
fosse la luce che il Signor ti diè,
e che il tuo canto, al pari d'un cadente
astro nei cieli, abbia a morir con te?

Non sai, diletta, ch'oltre tomba vive
il puro affetto, e che 'l più santo amor
a una memoria pia è consacrato
ch'oltre la vita ci sorride in cuor?

Non sai, diletta, che al silente lago
l'ombra d'Elvira, Lamartine cercò,
che Dante al regno de l'eterna pace
estinta mano femminil guidò?

Non sai che Laura non fu mai si bella
come, di stelle nell'immenso ciel
Petrarca vide coronata, quando
deposto in terra ebbe il corporeo vel?

Non sai, mia buona, che di noi sol vive
 quello che amammo e che sognammo qui,
 e che l'amore che quaggiù ci arride
 non è che l'alba d'un eterno di?

Non sai che questo, de l'Ilisso in riva,
 Platone un giorno ai giovani insegnó,
 quando, pendente dal suo labbro austero,
 Atene intera, tacita, ammiró ?

Non sai, diletta, ch'io t'amai nel sogno.
 senza speranza d'incontrarti mai;
 non sai che t'amo qual fulgor di stella
 che ci conforta de'suo dolci rai,

Ch'amo il tuo spirto, ch'io ben so immortale,
 ch'amo di te quel che morir non puó,
 ch'amo del canto l'ala tua superba,
 e il tuo dolore, ch'io lenir non so ?

G. B.
Agosto 1930.

JUVENILIA
(POESIAS INÉDITAS)

A
Estas poesias foram-nos enviadas por uma dedicada amiga de Florbela Espanca, D. Julia Alves, que travou com ela uma intensa correspondência nos anos de 1916-17. São portanto anteriores à publicação do *Livro de Mágicas* (1916). Uma parte desta correspondência está já publicada.

RÚSTICA

Eu q'ria ser camponeza...
 Ir esperar-te á tardinha
 Quando é doce a Natureza
 No silencio da devêza,
 E só voltar á noitinha...

Levar o cântaro á fonte,
 Deixá-lo devagarinho...
 E correndo pela ponte,
 Que fica de traz do monte,
 Ir encontrar-te sósinho...

E depois, quando o luar
 Andasse pelas estradas,
 D'olhos cheios do teu olhar
 Eu voltaria a sonhar
 P'los caminhos, de mãos dadas!

E depois, se toda a gente
 Perguntasse: «Que encarnada
 Rapariga! Estás doente?»
 Eu diria: É do poente
 Que assim me faz encarnada!

E fitando ao longe a ponte,
 Com meu olhar cheio do teu,
 Diria a sorrir pró monte:
 «O cânt'ro ficou na fonte,
 Mas os beijos trouxe-os eu».

AMEI UM DIA...

Amei um dia... um dia... Eu já nem sei
Há quanto tempo foi que assim amei!...
E esse amor foi rir!...

Tinha talvez quinze anos, quinze apenas,
Alvorada de lirios e açucenas...
E esse amor foi rir!

Tive outro amor ainda aos vinte anos,
Amor de sonhos bons, amor d'enganos,
E já sorri apenas!...

Foi como quem resasse a um altar,
Numa prece constante a murmurar;
E já sorri apenas!

Amo-te só a ti, e com que amor!
Soluço triste em turbilhões de dôr;
E só chorar, chorar!...

Mas afinal tambem os corações
Não vivem só de risos e canções;
Eu antes quer' Amar!

A porta sonhava ao doçume
Típica maior e belíssima os diúpos:
Típicas brezes de Israel as magos,
Alegrias das sotavanas caminhos
PASSEIO NO CAMPO

Quando ia passear contigo ao campo,
Tu ias sempre a rir e a cantar,
E lembra-me até uma cotovia
Que um dia se calou p'ra te escutar.

Em quanto eu apanhava os malmequeres
Que nos cumprimentavam da estrada,
Que depois desfolhavas, impiedoso,
Na eterna pregunta: Muito ou nada?...

Tu beijavas as f'ridas carminadas
Que em meus dedos faziam os espinhos
Das rosas que coravam, vergonhosas,
Zangadas, de nos ver assim sósinhos.
Fitavam-nos as nuvens do espaço,
Que imensas! que bonitas e que estranhas!
E ficavamos horas a pensar
Se seriam castelos ou montanhas.

Que adoráveis canções de mimo e graça
Teus labios proferiam a cantar!
Tão mimosas, que as relvas da campina
Ficavam pensativas a sonhar.

As fontes murmuravam docemente,
Os teus beijos cantavam namorados;
Scintilavam as pedras do caminho
E sorriam as flores p'los valados.

À hora sonhadora do poente
 Tinhamaior's palpitações os ninhos:
 Tinhamos pressa de lavar as mãos,
 Vermelhas das amoras dos caminhos.

Eu brincava a correr atraz de ti
 — Sombra perseguidora de um clarão —
 E no seio da noite os passos teus
 Inundavam de luz a 'scuridão.

Olhando tanta estrela, tu dizias:
 — Olha o manto de prata que nos cobre! —
 Depois, numa expressão amarga e triste,
 Recitavas, chorando, António Nobre!

Eu tinha medo, um medo atroz, infindo
 De passar p'los campos a tal hora,
 Mas olhando os teus olhos scintilantes,
 A noite parecia-me uma aurora!

E já passaram estes aureos tempos!
 E já fugiu a minha mocidade!
 Mas quando penso nesses dias lindos,
 Que tortura em minh'alma e que saudade!

A QUELE DIA!

Todas as prendas que me deste, um dia,
Guardei-as, meu encanto, quasi a medo,
E quando a noite espreita o pôr do sol
Eu vou falar com elas, em segredo.

E falolhes d'amores, de ilusões,
Choro e rio com elas, mansamente,
Pouco a pouco um perfume de outros tempos
Flutua em volta delas docemente.

Por uma taça de cristal e prata
Eu bebo uma saudade estranha e vaga,
Uma saudade lúgubre, infinita,
Que, por fim, me deslumbrá e m'embriaga.

O espelho de prata cinzelado,
A doce oferta que eu amava tanto,
Que refletia outr'ora tantos risos,
E agora reflete apenas pranto...

E o colar de pérolas preciosas,
De lagrimas e de estrelas constelado,
Resumem em seus brilhos o que tenho
De vago e de feliz no meu passado !

Mas de todas as prendas a mais cara,
Aquela que mais fala á fantasia,
São as folhas daquela rosa branca,
Que a meus pés desfolhaste «aquele dia!...»

A luta encalhou no poente
Tinha os olhos perolados os ninhos:
Tinha os olhos perolados os ninhos:

O FADO

Corre a noite de manso, num murmúrio,
Abre a rosa bendita do luar,
Soluçam aí estranhos de guitarra,
Um gemido d'amor anda no ar...

Ha um repouso immenso em toda a terra,
Parece a propria noite a escutar...
E o canto continua mais profundo;
Que pagina sentida de Mozart!

É o fado. A canção das violetas
Que foram almas tristes de poetas
P'ra quem a vida foi uma desgraça!

Minha doce canção dos desherdados,
Meu fado que alivias desgraçados,
Bendito sejas tu, cheio de graça!

**OU
ESCUТА...**

Escuta, Amor, escuta a voz que ao teu ouvido
Te canta uma canção na rua em que morei;
Essa soturna voz ha de contar-te, amigo,
Por essa rua minha os sonhos que sonhei!

Fala d'amor a voz em tom enternecedida,
Escuta-a com bondade. O muito que te amei
Anda pairando aí em sonho comovido,
A envolver-te em oiro... Assim s'envolve um rei!

Num nimbo de saudade e doce como a aza,
Recorta-se no céu a minha humilde casa
Onde ficou minh'alma, assim como penada

A arrastar grilhões, como um fantasma triste.
É dela em que fala, é dela a voz que existe
Na rua em que morei! Pobre crucificada!

NO MEU ALENTEJO

Meio dia. O sol a prumo cae ardente
Doirando tudo tudo... Ondeiam nos trigaes
Doiro fulvo, de leve docemente
As papoilas, sangrentas, sensuais.

Andam azas no ar; e raparigas,
Flores desabrochadas sem canteiros,
Mostram por entre o oiro das espigas
Os perfis delicados e trigueiros...

Tudo é tranquilo e casto e sonhador...
Olhando esta paisagem que é uma tela
De Deus, eu penso então: Onde ha pintor,

Onde ha artista de saber profundo,
Que possa imaginar coisa mais bela,
Mais delicada e linda neste mundo?

PAISAGEM

Uns bezerritos bebem lentamente
Na tranquila levada do moinho,
Perpassa nos seus olhos, vagamente,
A sombra duma alma côr do linho.

Junto deles um par. Naturalmente
Conversados ou noivos; de mansinho
Soltam frases d'amor... e docemente,
Uma calhandra canta no seu ninho...

Um trecho de paisagem campesina,
Uma tela suave, pequenina,
Um pedaço de terra sem igual!

Oh, abre-me em teu seio a sepultura,
Minha terra d'amor e de ventura,
Ó meu amado e lindo Portugal!

A ANTO

Poeta da Saudade, ó meu poeta q'rido
Que a morte arrebatou em seu sorrir fatal,
Ao escrever o «Só» pensaste enternecidão
Que era o mais triste livro deste Portugal!

Pensaste nos que liam esse teu Missal,
Tua Biblia de dôr, o teu chorar sentido,
Temeste que esse altar pudesse fazer mal
Aos que comungam nele a soluçāo contigo!

Ó Anto! Eu adoro os teus extranhos versos,
Soluços que eu uni e que senti dispersos
Por todo o livro tristel... achei teu coração...

Amo-te como não te quiz nunca ninguem,
Como se eu fosse, ó Anto, a tua propria māe,
Beijando-te já frio no fundo do caixāo!...

O SÚPLICA O

A prece que eu murmuro a soluçar
Ao Deus todo bondade e todo amor,
É resada de rastos no altar
Onde a tristeza reza com a dôr!

A minha bôca reza-a comovida,
Choram-na os olhos, beija-a o meu peito,
Sonha-a a minh'alma sempre enterneida
Ao ver-te rir, ó meu Amor Perfeito!

Que Deus do Ceu atenda a minha prece,
Embora eu saiba nesta desventura
Que Deus só ouve aquele que o merece!

Mas vou pedindo ao Deus de piedade
Que te conceda anos de ventura
Como dias a mim de inf'licidade!

O ESPECTRO

À GENTILISSIMA JULIA ALVES.

Anda um fantasma sempre atraç de mim,
Segue-me os passos, sempre! Aonde eu fôr,
Lá vai comigo. E é sempre, sempre assim
Como um bom cão, seguindo o seu senhor.

Tem o verde dos sonhos transcendentas,
A ternura bem rôxa das verbênas,
A ironia purpurea dos poentes,
E tem tambem a côr das minhas penas.

Ri sempre quando eu choro! E se me deito
Lá vai êle deitar-se ao pé do leito,
Embora eu lhe suplique: «Faz-me a graça

De me deixar uma hora ser feliz!
Deixa-me em paz!...» Mas êle sempre diz:
«Não te posso deixar, sou a Desgraça!»

LUAR NUNCA MAIS

Luar! Lírio branco que se esfolha,
 Neve que do céu anda perdida,
 Azas leves d'anjo que, pairando,
 Reza pela terra adormecida!

LIBERTA ...

(Fragmento)

Eu ponho-me a sonhar transmigrações
 Impossíveis, longinhas, milagrosas,
 Vôos amplos, céus distantes, migrações
 Longe... noutras esferas luminosas!

E pelo meu olhar passam visões:
 Ilhas de bruma e nácar, doiro e rosas,
 E eu penso que, liberta de grilhões,
 Hei de aportar ás ilhas misteriosas...



NUNCA MAIS

O castos sonhos meus, ó mágicas visões,
 Chimeras côr de sol, de fulgidos lampejos!
 Dolentes devaneios! Setineas ilusões!
 Bôcas que foram minhas já florescendo beijos!

Vinde beijar-me a fronte, ao menos um instante,
 Que eu sinta esse calor, esse perfume terno!
 Vivo a chorar á porta aonde outr'ora Dante
 Deixou toda a esperança ao penetrar no Inferno.

Vinde sorrir-me ainda! Hei de morrer contente
 Cantando uma canção alegre, doidamente,
 Á luz dêsse sorriso, ó fugitivos ais!

Vinde beijar-me a bôca, ungir-me de saudade,
 Ó sonhos côr de sol da minha mocidade.
 Cala-te lá Destino! — *Nunca, nunca mais!* —



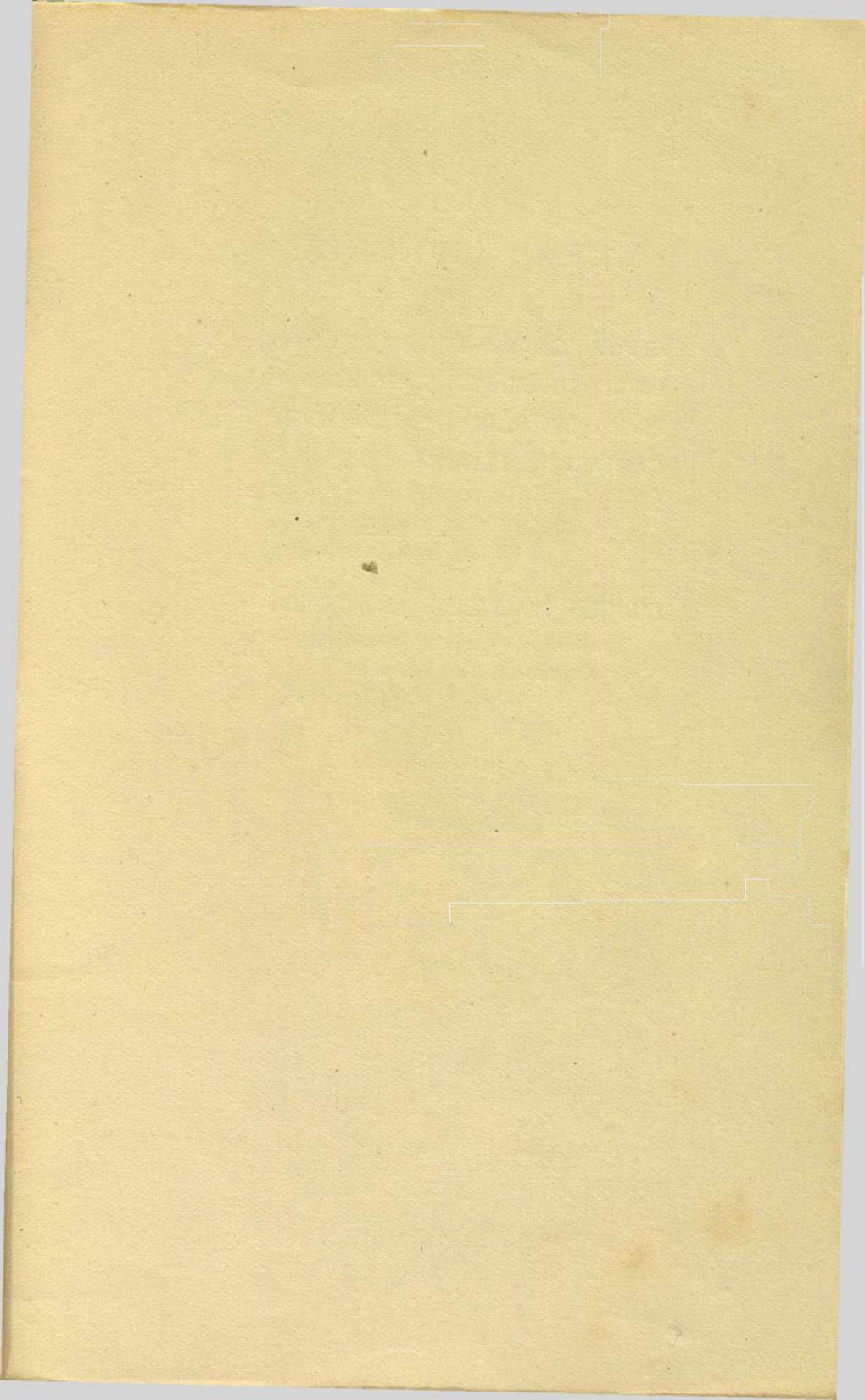
ÍNDICE

	Pág.
Florbelo Espanca	5
O sentimento da natureza na poesia de Florbelo Espanca	15
A Vida, o Amor e a Morte na poesia de Florbelo Espanca	25
O valor da obra poética de Florbelo Espanca . . .	39
A Florbellia Espanca (versos).	45

JUVENILIA

Rústica	49
Amei um dia...	50
Passeio no campo	51
Aquele dia!	53
O Fado	54
Escuta...	55
No meu Alentejo	56
Paisagem	57
A Anto	58
Súplica.	59
O Espectro.	60
Luar e Liberta...	61
Nunca mais!	62





NA MESMA LIVRARIA:

CHARNECA EM FLOR (2.^a Edição)

LIVRO DE MÁGUAS (2.^a Edição)

LIVRO DE SÓROR SAUDADE (2.^a Edição)

CARTAS DE FLORBELA ESPANCA

LIRICOS ITALIANOS MODERNOS

MANZONI, LEOPARDI, CARDUCCI, PÁSCOLI,
D'ANNUNZIO, ADA NEGRI...